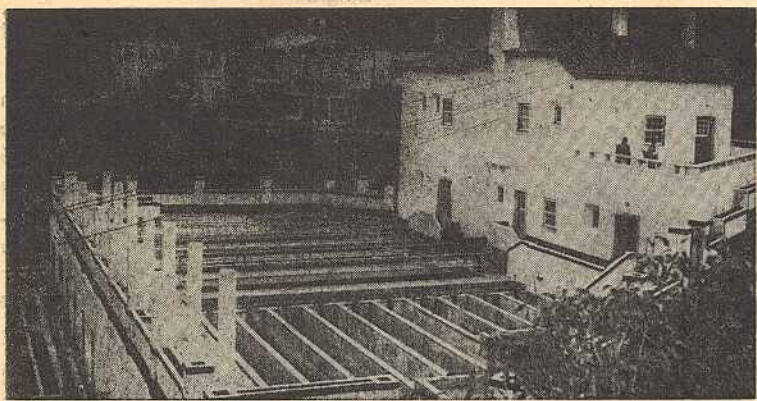




CAMPELO

ANO X — (III Série) — N.º 103
OUTUBRO DE 1979

Director: P.º MANUEL VENTURA PINHO
Propriedade da Igreja Paroquial

Publicação mensal



Redacção e Administração:
R. da Cadeia — 3260 Figueiró dos Vinhos

Edição, Comp. e Impres.
«Gráfica de Coimbra»

Telefone 42395
(Figueiró dos Vinhos)

PERIÓDICO REGIONAL DE FORMAÇÃO E INFORMAÇÃO

Em defesa da liberdade

A experiência dos últimos cinco anos já nos mostrou com suficiente clareza que a democracia não é o regime dos comunistas, daqueles que, por medo ou preguiça, se recusam a intervir, directa ou indirectamente, na vida comunitária, na gestão dos negócios públicos, que devem interessar a todos e não apenas a esta ou àquela minoria.

Por isso mesmo podemos estar seguros que tudo quanto possa desinteressar-nos da política — o desencanto, as dificuldades, a ineficácia dos partidos, a propaganda desmobilizadora de certas facções — tudo isso é inimigo da liberdade, venha donde vier, seja qual for o seu objectivo imediato.

E se alguma coisa temos de lamentar neste momento, não é tanto o facto de o regime se ter mostrado tão pouco à altura das nossas conveniências, como a tentação em que caíram até pessoas altamente colocadas, de atacar os partidos, que são a nota mais característica de uma democracia institucionalizada.

Agora, quando se aproximam as eleições, que não teriam qualquer sentido sem os tais partidos, vamos, antes de mais nada, defender-nos de uma certa mentalidade que foi surgindo em Portugal, sobretudo após a queda do segundo governo constitucional, por irresponsabilidade de uns, demagogia de outros e oportunismo de alguns terceiros.

Vamo-nos preparando para votar.

Isso tem de ficar assente desde já: aconteça o que acontecer, digam-nos o que nos disserem, não deixaremos de ir às urnas, tanto no dia 2 de Dezembro, como depois, no dia 16.

(Continua na pág. 3)

O Papa e o Rosário

Estamos no mês dedicado a Nossa Senhora do Rosário.

Se queres saber qual é o pensamento do Papa João Paulo II a respeito desta ORAÇÃO, lê e medita com atenção as suas palavras proferidas em 29 de Outubro de 1978.

«O Rosário é a minha oração predilecta. É uma oração maravilhosa de simplicidade e profundidade.

Nesta oração, repetimos, inúmeras vezes, as palavras que a Virgem Maria ouviu ao Anjo e à Sua parente Isabel. E toda a Igreja se associa a estas palavras.

Pode dizer-se que o Rosário é, em certo modo, uma oração-comentário do último capítulo da Constituição conciliar sobre a Igreja (Lumen Gentium).

Esse capítulo trata da admirável presença da Mãe de Deus no mistério de Cristo e da Igreja.

De facto sobre o fundo das Ave-Marias desfilam os principais acontecimentos da vida de Jesus-Cristo.

Reunido em mistérios gozosos, dolorosos e gloriosos, põem-nos em comunhão viva com Jesus através do coração de Sua Mãe, como poderíamos dizer.

Ao mesmo tempo, podemos reunir nestas dezenas do Rosário todos os acontecimentos da nossa vida individual ou familiar, da vida do nosso país, da Igreja e da humanidade, isto é, os nossos acontecimentos pessoais e os do nosso próximo, e

(Continua na pág. 3)

O DEVER DE VOTAR

«Tem-se dito que «o voto é a arma do povo». Pois que todos os portugueses usem livre mas consciente e conscienciosamente dessa «arma» para que não venha nunca a ouvir-se entre nós como algures a voz de outras armas!...»

(Dum documento assinado pelo Bispo do Porto)

Contas da festa de Campelo

Os Mordomos da Festa de N.º Sr.ª da Graça, de Campelo apresentaram as seguintes contas:

Receita	
Bar	9 570\$00
Caldeirada de Borrego	5 720\$00
Leilões	24 820\$00
Quermesse	12 000\$00
Peditórios	67 400\$80
Rifas	14 900\$00
Total de receita	134 410\$80

Despesa	
Activid. Recreativas ...	64 650\$00
Fornecimento de bar ...	5 021\$00
Loiças e Vidros	3 806\$50
Alimentação	10 779\$50
Caldeirada de borrego	11 380\$00
Licenças	1 632\$00
Propaganda e Impressos	3 100\$00
Honorários	2 400\$00
Serviço Religioso	700\$00
Ornamentações	2 460\$00
Seguro	1 200\$00
Total de despesa	107 129\$00

Saldo 27 281\$00
134 410\$80

Estão de parabéns, pois o seu esforço foi coroado de êxito.

Serão mordomos em 1980 os srs. José Carlos (genro do sr. João), José Simões, José Ladeira e António Mendes, se estiverem prontos a cumprir a Lei de Festas Religiosas da Diocese de Coimbra.

Uma carta

BARREIRO — JULHO DE 1979

Exm.º Sr. P.º Manuel V. Pinho.

Com os mais respeitosos cumprimentos, venho pedir-lhe para que no nosso jornal fosse feita uma rectificação e ao mesmo tempo um esclarecimento sobre uma notícia vinda no N.º 100 de «Notícias de Campelo», nas «Notícias Regionais». E quando se fala de Alge, dizia o Sr. que foi inaugurada naquela povoação e lugares circunvizinhos a electrificação.

«Esta cerimónia vem coroar toda uma obra que a Federação dos Municípios de Leiria em boa hora se propôs — a electrificação de todo o concelho».

Depois, diz o Sr.: — «Na freguesia de Campelo creio que não há lugar habitado sem este precioso bem da civilização.»

Ora a rectificação que eu pretendia é sobre as frases sublinhadas porque de facto assim não acontece.

Assim, gostaria que através do nosso jornal o Sr. Esclarecesse às pessoas da nossa freguesia e muito em especial lembrasse às auto-

(Continua na pág. 2)

CAMPELO E O SEU PROGRESSO

Foi já no número 97 deste jornal, em Fevereiro de 1979, que fizemos algumas referências a melhoramentos de interesse público, concretizados nesta região de Campelo no período de 1948 a 1978, ou seja, nos últimos trinta anos.

Por falta de tempo, e assim bem contra a nossa vontade, só hoje nos é possível voltar ao assunto, apontar certa carência de melhoramentos e deixar de algum modo aqui o «inventário» do muito que, do nosso ponto de vista, importa ainda conseguir realizar para o satisfatório progresso e melhor qualidade de vida do povo desta zona rural do norte do concelho de Figueiró dos Vinhos.

Sempre considerámos a estrada Espinhal-Castanheira de Pera a rodovia necessariamente essencial ao desenvolvimento e incremento económico e cultural desta região, e cremos que, ainda acerca também deste aspecto, temos do nosso lado as melhores opiniões. Com efeito, tão importante como estimável obra ficará a ser, após a sua conclusão, o «motor de arranque» ou força impulsionadora do progresso, do bem-estar e da melhor qualidade de vida das populações desta zona rural e de outros reais benefícios que, a nível mais geral, poderá também proporcionar a outras regiões.

Completada, todavia, a primeira fase da sua construção até ao lugar de Pé de Janeiro, a estrada permanece ali, parada, há anos. E só ainda há pouco é que se concluiu o alcatroamento do troço de algumas centenas de metros de estrada que liga Pé de Janeiro à povoação de Alge.

Pois bem. Não se vê, agora, que a segunda fase da construção da referida estrada, com passagem pelas imediações de Campelo, venha a ser iniciada; e, ao que supomos, pesem embora as boas promessas, não se sabe quando é que esse facto ocorrerá ou terá lugar. Por sua vez, apesar de a estrada municipal até Campelo estar em bom estado, o mesmo não sucede com a do percurso compreendido entre Pé de Janeiro e Campelo, pois que continua intransitável, degradada, desde há anos, e só a pericia dos condutores consegue vencer, em marcha lenta, aquele percurso de uns três quilómetros, apenas, evitando o pior: os despistes encosta abaixo contra os pinheiros, a precipitação dos veículos e dos seus passageiros nos silvados ou nas terras de milho, os mergulhos nas águas da Ribeira de Alge...

Tal percurso ou troço de estrada é, repetimos, apenas de cerca de três quilómetros. Em estado intransitável e só porque outra possibilidade não existe, por ele tem lugar também a carreira de camioneta que vem de Figueiró, passa em Campelo, segue até Pé de Janeiro, e toma ali a óptima estrada vinda do Espinhal, para ir a Coimbra, retornando pelo mesmo percurso a Figueiró, e vice-versa, em certos dias.

Ora, em termos mais de eficácia ou de alcance técnico de resultados que de eficiência ou de custos, há que proceder, no mais curto prazo, à beneficiação e alcatroamento dos três citados quilómetros de estrada. É realmente uma necessidade que urge satisfazer, que se mete pelos olhos dentro e não pode ser ignorada.

Na verdade, ainda que venha a ser iniciada a segunda fase da construção da estrada Espinhal-Castanheira de Pera — mas não se sabe quando, até porque ao facto não será alheio o vultoso encargo financeiro que a

(Continua na pág. 2)

CONVITE

REUNIÃO DE MORDOMIAS E COMISSÕES DE IGREJAS E CAPELAS

No próximo dia 18 de Novembro, pelas 14 horas, reunir-se-ão em Figueiró dos Vinhos, no Salão Paroquial, as Mordomias de Festas de 1980 e Comissões de Capelas e Igrejas do Arciprestado de Figueiró dos Vinhos, a exemplo do que se tem feito na Diocese de Coimbra.

Esta reunião é presidida por um representante do senhor Bispo e tem como ordem de trabalhos a elucidação sobre a Lei Diocesana sobre Festas e administração dos Bens das Igrejas e Capelas.

Por este meio se convidam a estar presentes delegações de todas as Mordomias e Comissões de Igreja e Capelas da Freguesia de Campelo.

Não fazemos convites pessoais. No entanto, esperamos que todos os Mordomos e Membros de Comissões estejam representados.

Até ao dia 18 de Novembro, no Salão Paroquial de Figueiró dos Vinhos.

Notícias Regionais

Por Figueiró dos Vinhos

Anda uma azáfama muito grande entre os políticos do Concelho, pois haverá eleições para a assembleia da República em 2 de Dezembro e para as Autarquias (Câmara e Juntas de Freguesia) em 16 do mesmo mês. Concorrem este ano o P.S.D. em conjunto com o C.D.S., formando a Aliança Democrática, assim como M.D.P.-C.D.E. na Aliança Povo Unido. Nas autarquias locais o P.S.D. e o C.D.S. concorrem individualmente.

Espera-se que destas eleições saia um governo capaz de endireitar Portugal, pelo que ninguém deve faltar a dar o seu voto. Os que puseram Portugal neste estado de ruína não faltarão a dar o seu voto e, por isso, se não queremos que Portugal se afunde, então vamos todos, mas todos, dizer pelo voto o que queremos. Se não há Partido ou coligação que nos agrade inteiramente, haverá ao menos os menos maus que devemos escolher, para que não vençam os que perfolham uma ideologia contrária aos sentimentos mais íntimos dos Portugueses, o que só agravaria as coisas.

— Foram já empreitados os aruamentos de Chãos de Baixo e

Casal da Fonte das Bairradas, desta freguesia.

— Entretanto, começaram as obras da nova estrada de Pombal — Pontão. E sabemos que a nossa Câmara está a tentar junto das entidades responsáveis que esta Estrada Nacional N.º 237 seja rectificada e melhorada até à Bouça, lugar a partir do qual há alguns anos foi reconstruída.

Pelo Fontão Fundeiro

No dia 6 de Outubro p.p., faleceu a sr.ª D. Rosa da Conceição, de 95 anos, filha de José Rosa e de Engácia da Conceição.

A todos os seus familiares os nossos sentimentos.

Pela Ponte Fundeira

No dia 28-7-79, faleceu o sr. José Fernandes, filhos de António Fernandes Novo e de Maria José.

A seus familiares, dum modo especial à viúva, os nossos pêsames.

Por Alge

Faleceu no dia 12 de Agosto p.p., no Hospital de S. José, o sr. Manuel da Conceição Henriques, de

46 anos, tendo sido sepultado no Cemitério do Alto de S. João.

O saudoso extinto era casado



com a sr.ª D. Isaurinda Maria de Sousa, e deixou três filhos: os srs. Fernando, Orelana e Armindo de Sousa Henriques, os quais agradecem a todos os que os acompanharam na sua dor.

Os nossos sentidos pêsames.

— Em 25-8-79, faleceu também o sr. Manuel Henriques Vaz, casado com a sr.ª D. Helena do Carmo dos Santos e morador nesta povoação.

A sua esposa e filhos — srs. An-

tónio, Maria e Joaquim dos Santos Vaz, os nossos votos de pesar.

Pelo Pé de Ingote

No dia 16-9-79 p.p., casaram os srs. Adriano Alves Rodrigues, filho do sr. Rui Alves Rodrigues e de Alzira Lourenço Rodrigues, falecida, das Searas, e Maria Alice do Rosário Santos, filha dos srs. Albano Pereira dos Santos e D. Adozinda do Rosário Vaz, do Pé de Ingote.

Foram padrinhos do noivo os srs. José Barata Fernandes e D. Maria Adélia Rodrigues; e da noiva os srs. José Tomás Pedro e D. Amélia do Rosário Vaz, de Alge.

Felicidades.

Por Campelo

Numa noite de princípios de Outubro foram roubadas as nozes das nogueiras do Adro da Igreja. Esperamos que os gatunos de bens da Igreja se arrependam e, reconsiderando, restituam o que não lhes pertence à Fábrica da Igreja de Campelo, na pessoa dos seus membros, o Pároco da Freguesia e o sr. João Morais Rosa.

— Desta vez quase ia ardendo toda a Freguesia de Campelo. O incêndio começou perto de Miranda do Corvo e alastrando em várias frentes queimou quase tudo quanto rodeava o Espinhal, Lousã, Coen-

tral, Pêra, Singral, Alge, Eiras, Ribeira Velha, Póvoa, etc. Atingiu quase Campelo e Vilas de Pedro e destruiu ainda duas casas no Singral.

Quando se punirão adequadamente os incendiários?

— Nos fins de Setembro tiveram um desastre, num tractor em que seguiu e que se virou, os srs. José da Costa Simões, actual Presidente da Junta de Freguesia de Campelo, Ernesto de Alge e José Rosa Arinto de Figueiró dos Vinhos.

Desejamos rápidas melhoras aos sinistrados.

Pela Arega

Está já empreitada a construção de estrada municipal Foz de Alge a Valbom, ficando assim toda esta Freguesia cercada de estradas alcatroadas. Ao mesmo tempo será feito o ramal que ligará Caboucos a esta via.

Pela Aguda

Várias são as obras ultimamente postas a concurso e que servirão muitos lugares carecidos desta freguesia:

Estrada de Chimpeles a Casal Velho; estrada do Fato ao Salgueiro da Lomba pelo Salgueiro da Ribeira; e entrada do Salgueiro da Ribeira à Lomba da Casa.

Deve ser iniciado ainda este ano o abastecimento de água a sete lugares da zona baixa desta freguesia, entre os quais as Almofalas e lugares circunvizinhos.

CAMPELO E O SEU PROGRESSO

(Continuado da pág. 1)

obra acarreta e a crise que actualmente o País atravessa — importa, quando antes, beneficiar, como preconizámos, aquele troço de estrada, pois que nunca perderá a sua utilidade. Há por isso que recuperá-lo, que torná-lo transitável, ainda que por fases a partir de Campelo.

Efectivamente, segundo o bom modo de ver tal questão, uma estrada em boas condições até Alge será sempre válida mesmo que venha a ser concluída a que se pensa levar até Castanheira de Pêra; por ela, tal como agora sucede, apesar do seu péssimo estado, se canalizará mais, em ambos os sentidos, o trânsito por Figueiró. Confia, portanto, o povo desta região que as competentes entidades lancem mão à obra para que, em breve prazo, e assim sem mais impasses ou demoras, seja uma realidade válida a estrada Campelo-Alge.

Por ser pertinente, também queremos referir que perto aqui de Campelo, e tendo o lugar de Peralcovo lá no alto a modos que por sentinela, fica à beira da Ribeira de Alge a povoação da Ponte Fundeira. Os naturais desta aldeia pretendem que se faça justiça, construindo ali uma ponte que permita em qualquer época do ano a passagem para o lado de cá da ribeira. Para o efeito, dispõem já de cerca de cem contos, e estão decididos a contribuir também com «algum» do seu. Desde há anos que vêm solicitando à Câmara Municipal a ajuda financeira que ainda falta para a concretização da aludida obra. Será que os anos não-de continuar a rodar sem que a reclamada ponte seja construída?...

A Câmara Municipal tem-se mostrado receptiva, é justo dizê-lo, às solicitações dos munícipes e carências do concelho. Por isso, confia-se que também satisfaça a legítima pretensão dos naturais de Ponte Fundeira (sem ponte...), povoação que não tem recebido melhoramentos e não está «pesada», nem a participações estaduais, nem ao erário municipal.

Trata-se, enfim, de carências locais atendíveis também em termos de política financeira anticonjuntural, nos parece, e de gestão de orçamento provido de «intencões» ou programas e objectivos bem definidos, com vista à utilização plena dos meios instrumentais ou de produção disponíveis e, do mesmo passo, à obtenção dos resultados ou produto final pretendido e que, mais nas áreas rurais, se consubstancia no conseguimento dos objectivos visados ou satisfação concreta, «in loco», das necessidades sentidas pelas populações.

Deixando a Ponte Fundeira e voltando a Campelo, registamos ainda que quanto à «última morada» ou cemitério, questão já velha, o problema, apesar de grave, continua a esperar pela devida solução. Foi debatido por nós na Imprensa há anos e ainda mais recentemente; e também tratado, por exemplo, no número 95 deste jornal, em Dezembro de 1978, com o merecido realismo. Será que tem sido pregar no deserto?... Sem dúvida que as realizações se não concretizam, por vezes, tão depressa como seria necessário e desejável. Mas neste caso, de tempo... já basta. É demais tanto esperar.

Campelo tem necessidade também de urgentemente possuir instalações públicas dotadas com lavabos e casas de banho, em local próximo talvez do «viveiro de frutas», ou nas imediações do adro. E quer parecer-nos que se trata de um empreendimento que não envolve grande encargo financeiro e pode imediatamente ser conseguido. A Junta de Freguesia, que se mostra bem activa na concretização de outros melhoramentos, quererá também avançar com este cuja falta é muito sentida? Que o diga o povo que no passado dia 5 de Agosto, dia da festa, se aglomerou no adro. Enfim, mais um melhoramento bem necessário até para quem chega de fora...

Com o seu casario colorido e emoldurado pelo arvoredado, Campelo pode bem ascender a «princesa da Ribeira de Alge», que corre cá a seus pés, como já um dia escrevemos. E o seu aspecto gracioso será ainda mais atraente do adro, quando algumas das casas, poucas, forem reconstruídas e engramaçadas. É de notar como ali destoam do conjunto...

A velha e arruinada casa, à ponte, que foi do nosso avô, Emídio dos Santos Matos, está agora restaurada pelo seu actual proprietário e assim melhor parece no local. E logo também ali, no sítio da «eira», sobranceiramente ao «poço da ponte», frente ao adro e com o «lameiro grande» por moldura verdejante, ergue-se a atraente «vivenda» acabada de construir pelo sr. Martins para sua residência e da família. Campelo cresce, e alinda-se. Os visitantes sempre se mostram cativados cá pelas belezas naturais, pelas boas e frescas águas, pelos bons ares e pelos calmos recantos e agradáveis sombras; e para quem tem calma, calor, também há cá as ribeiras... Consta que já alguns visitantes se têm queixado da dificuldade em conseguir quem lhes venda cá terreno para edificarem a sua «moradia» e ficarem...

Ah! Que não sucederia assim se nós tivéssemos «milhares». Que estância de repouso e de cura não ergueríamos por cá... O panorama pitoresco do acidentado e sobreposto desdobrar das encostas, colinas e vales densos de pinhais e eucaliptos e outro arvoredado e vegetação; as sombras acolhedoras e os ares lavados; o céu azul, azul, em dias de sol, ou luminosamente azul-estrelado em noites de calma, são o Belo, o Harmonioso, e, também por cá, sinal inconfundível de Deus... Habitado, porém, a estes sítios, a estas paragens, quem sempre cá vive e moureja não se apercebe de tanta beleza natural que o rodeia e se espelha, e estende cada dia a seus olhos. Tudo se passa, no entanto, bem diferentemente aos sentidos dos visitantes desta região...

Ah! Se tivéssemos «milhares»... Estes faltam-nos e, por isso e a propósito, a nossa insatisfação, perante este meio ambiente todo bem rural e campesino, podemos talvez traduzi-la com estes versos de conhecida écloga do lírico Bernardim Ribeiro:

Dentro do meu pensamento
Há tanta contrariedade
Que sinto contra o que sinto,
Vontade contra vontade.

(Continua no próximo número)

Campelo, Agosto de 1979.

MATOS DE CARVALHO

Nota da Redacção — Sabemos das muitas diligências do sr. Presidente da Câmara, porque as temos acompanhado, em conseguir que a Estrada do Espinhal arranque o mais breve possível. Podemos mesmo dizer que o projecto já foi entregue na Direcção da Junta Autónoma de Estradas de Coimbra e se prevê que o início dos trabalhos não demore. Como dissemos há tempos, a demora deve-se ao atraso da entrega do respectivo Projecto. O traçado desta estrada será comum à sugerida ligação entre Pé de Janeiro-Campelo, pelo que seria desperdiçar dinheiro que se pode empregar em outras obras mais duradouras e também de muita necessidade. Até aí — e que nos perdoe o ilustre articulista — nada há a objectar à Política financeira da nossa Câmara que de facto tem sido duma dedicação ímpar ao Concelho. A Justiça e Verdade acima de tudo.

Uma carta

(Continuado da pág. 1)

ridades ou a quem de direito, que pelo menos três lugares habitados na freguesia de Campelo, não têm esse precioso bem da civilização, «a electricidade» pois as pessoas que habitam nestes lugares também são dignas e merecem que se faça algo para o seu bem estar.

Assim eu passo a mencionar estes lugares que eu conheço e que são: Barreira, Porto de Oliveira e Val da Corça.

Sem mais outro assunto, com as minhas desculpas e agradecimentos, subscrevo-me,

José Maria Relvas

Nota da Redacção — Fez bem em fazer tal reparo. Os serviços oficiais, por vezes, esquecem quem não se faz lembrado.

E o jornal é um meio de se fazer lembrado.

Agradecimento



ARMANDO FERREIRA LOURENÇO

Sua mulher e filhos vêm por este meio, e na impossibilidade de o fazerem directamente, agradecer a todas as pessoas que o acompanharam e a quantos de qualquer modo lhe manifestaram o seu pesar.

Ordem dos Médicos contra a legalização do aborto

«Face às campanhas actuais para legalização do aborto em Portugal, a Ordem dos Médicos vem publicamente afirmar:

1. Subscorre integralmente o código internacional de ética médica um total respeito pela vida humana desde a concepção e mesmo sob coacção não usará os seus conhecimentos profissionais contrariamente às leis da humanidade, princípios que aceita livremente e sob sua honra.»

A posição moral do médico é pois a de defender a vida,

ponto básico da confiança que o ser humano nele deposita. A interrupção deliberada de uma vida no decurso da sua evolução não pode pois, ser considerada, em princípio, um acto médico lícito, sejam quais forem os motivos evocados.

2. Num país que se orgulha, justamente, de ter por título de honra a abolição, há mais de um século, da pena de morte, espera-se que nunca venha a ser aceite o aborto criminoso.

Não pode deixar de surpreen-

der e lamentar-se a argumentação de um juiz que, ultrapassando a legislação em vigor, absorve a ré, incriminada por divulgar o aborto selvagem nos ecrãs da televisão.

3. A ciência médica demonstra, sem margem para quaisquer dúvidas, que a vida humana se inicia pela fusão de duas células privilegiadas, o óvulo e o espermatozóide, com as quais os pais contribuem para a formação de um novo ser humano. Após a nidificação do ovo assim formado, nada impedirá, em condições normais, o seu desenvolvimento.

Não surge, assim, um pedaço amorfo de carne mas ser com todas as potencialidades genéticas de desenvolvimento total futuro e que não pertence à mãe, mas igualmente ao pai, à sociedade e, sobretudo, a si próprio. É pois falso e demagógico o afirmar-se, neste contexto do aborto, estar a mulher a dispor apenas do seu corpo.

4. Não se pode também deixar passar em claro o evidente oportunismo e irresponsabilidade ao referir pretensas estatísticas sobre mortalidade complicações e frequência do aborto clandestino, em Portugal. Na era da paternidade responsável e do planeamento familiar, é este que deve ser defendido, bem como uma correcta educação sexual.

5. Não deve esquecer-se que em muitos países em que o aborto foi legalizado se verificou o aumento global deste, revelando-se essa legalização como um desastre humano, sanitário e económico, trágico se viesse a ser reproduzido em Portugal.

Concluindo: considera a Ordem dos Médicos ser seu dever indeclinável, face ao exposto, definir firme e claramente a sua posição de total repúdio pela legalização do aborto, atentatória de um direito básico do ser humano — o direito à vida.»

O PAPA E O ROSÁRIO

(Continuado da pág. 1)

particularmente dos que nos estão mais perto, que mais temos no coração.

Assim, a oração simples do Rosário acompanha o ritmo da vida humana.

No decurso das últimas semanas, tive oportunidade de encontrar muitas pessoas representando diferentes meios, nações, Igrejas e comunidades cristãs. E quero garantir-vos que nunca deixei de traduzir estas relações da linguagem da oração do Rosário, a fim de que todos possam encontrar-se no âmago da oração que dá a todas as coisas a sua plena dimensão...

Com todo o coração, vos exorto a todos a rezá-lo.»

EM DEFESA DA LIBERDADE

(Continuado da pág. 1)

Só duas razões justificariam que ficássemos em casa nesses dias: a falta de alternativa, isto é, a impossibilidade de escolher — como acontece nos regimes de partido único — ou o carácter viciado do acto eleitoral, a falta de garantias quanto à sua dignidade.

Tanto num caso como noutro, a abstenção seria uma forma de protestar contra uma situação injusta, que nos recusáramos a sancionar com o voto, mesmo nulo.

Mas em Portugal, no momento presente, não se verifica tal situação, de modo que só por comodismo alguém deixará de ir às urnas quando chegar a altura.

Alguns desculpam-se dizendo que não sabem em quem votar, pois todos se dizem bons e nenhum parece satisfazê-los.

Mas abster-se por este motivo seria o mesmo que abandonar a casa a todo o bando, só porque não se sabe qual dos pretendentes merece a confiança do proprietário.

Quem quiser esperar o aparecimento do partido ideal para lhe dar o seu voto, daria prova de ignorar por completo as limitações da natureza humana.

Aos que hesitam ainda, aconselho-os a excluir os grupos políticos que lhes merecem menos confiança. Depois, postos de parte os «maus», dêem o seu voto a um dos outros, que será certamente do número daqueles que lhes deixarão a possibilidade de votar outra vez.

O PAPA E OS JOVENS

Na sua viagem apostólica à Irlanda e aos E. U. A., o Santo Padre dirigiu aos jovens a sua mensagem de Pastor. Assim, dedicou o 2.º dia da sua visita à Irlanda aos jovens. Na sua mensagem aos jovens — 300 000 segundo os relatos dos jornais — que participavam na missa de Galway o Papa pediu-lhes disciplina moral e renúncia aos valores propostos por esta civilização, dizendo: «Não fechem os olhos à doença moral que emerge da sociedade de hoje, não substituam a verdadeira alegria da vida pela droga, o sexo, o álcool, o vandalismo e a busca do mero bem-estar moral».

A certa altura da sua homilia, o Papa confessou: «Jovens da Irlanda, amo-Vos.»

Já nos E. U. A., em Boston, o Papa dirigiu-se também aos jovens, dizendo-lhes: É parte da vossa tarefa no Mundo, e da Igreja, revelar o verdadeiro significado da vida, quando o ódio, a negligência ou o egoísmo ameaçam apoderar-se do Mundo. Face

a problemas e desapontamentos, muitas pessoas tentarão fugir à sua responsabilidade, por meio do egoísmo, prazer sexual, drogas, violência, indiferença e atitudes cínicas. Mas, hoje, proponho-vos a opção do amor, que é o oposto da fuga.»

Que os jovens de todo o Mundo ouçam este apelo do Papa.

Pensamentos

«Se disserem mal de ti e for verdade, corrige-te; se for mentira, ri-te!»

Epicteto

★

«De que te servirá ser louvado por toda a gente, se a tua consciência te acusa?»

S. Gregório

★

«O talento molda-se na solidão; o carácter na convivência.»

Goethe



— Há meia hora que estou aqui à espera, e o telefone é público! E além disso, o senhor não tem dito nada.

— Tenha paciência; é que estou a falar com a minha mulher...

O passageiro apertado:

— Pensava que o autocarro era para gente e não para elefantes! O sujeito gordo:

Ó senhor, mas o autocarro é como a arca de Noé: admite todos os animais, desde o elefante pacífico até ao maior jumento!

Pergunta de um professor numa aula de história:

— Quem foi o primeiro socialista do mundo?

Resposta de um aluno:

— Foi Cristóvão Colombo.

— Porquê?

— Porque partiu não se sabe donde, chegou não se sabe a quê e tudo fez com dinheiro dos outros.

O VALOR DAS DIFERENÇAS

Quem é bom serve a vida;
Quem ama, vive para servir.

Quem é bom, suporta as ofensas;
Quem ama, não se ofende em suportar.

Quem é bom, compadece-se;
Quem ama, ajuda.

Quem é bom, ajuda o próximo;
Quem ama, está próximo para ajudar.

Quem é bom, põe rosas no caminho;
Quem ama, faz os caminhos cheios de rosas.

Quem é bom, moe o trigo para fazer o pão;
Quem ama, faz o pão para dar ao amigo.

Quem é bom, não condena;
Quem ama, recebe o condenado.

Quem é bom, revela os erros;
Quem ama, não deixa errar.

Quem é bom, atende quem bate à porte;
Quem ama, nunca deixa fora quem bate.

Quem é bom não decepçiona;
Quem ama, não fica decepçionado.

Quem é bom, desce até aos outros;
Quem ama, faz os outros subirem.

Quem é bom, faz como Deus quer;
Quem ama, encontra Deus em tudo o que faz.

Quem é bom, não se cansa;
Quem ama, nunca descansa.

Quem é bom, vê o homem que pede por Deus;
Quem ama, vê Deus no homem que pede.

(De Paz e Alegria)



● No dia 10 de Setembro, faleceu em Moscovo, após intervenção cirúrgica, o Dr. Agostinho Neto. Era natural de Angola, tendo-se formado em Medicina em 1958. Em 1959 ocupou a chefia do MPLA para 1962 ser eleito presidente durante a conferência nacional do movimento. Em 11 de Março de 1976 ascendeu à Presidência da República Popular de Angola.

● As reservas de petróleo existentes na Venezuela são mais do que todas as outras juntas, é o que nos diz o jornal «El Mundo» que acrescenta: «Teremos petróleo para 700 anos.»

● Pela primeira vez na história humana uma parálitica recebeu uma coluna vertebral metálica. A operação realizou-se no Hospital da Universidade de Maryland.

● O Brasil está a registar um caso de lepra de 45 em 45 minutos. A frequência da lepra aumenta em todo o país, principalmente nos centros urbanos, onde são precárias as condições de higiene.

● Durante a época balnear deste ano morreram já 72 banhistas nas praias, barragens, rios e piscinas portuguesas, registando-se, ainda 533 acidentes e 461 salvamentos.

● Durante uma entrega de reservas em Montemor-o-Novo verificaram-se confrontos entre trabalhadores e uma força da GNR de que resultaram dois mortos e vários feridos ligeiros entre populares e agentes de autoridade.

● A Primeiro-Ministro Lurdes Pintassilgo, tomou parte na 34.ª sessão da Assembleia Geral das Nações Unidas, onde discursou. Teve também um encontro com o Papa João Paulo II.

● Cada português come cinco vezes mais sal do que deveria.

● A exportação de cortiça portuguesa atingiu, nos primeiros seis meses deste ano, 61 589 toneladas no valor de 5 milhões 291 911 contos.

● Os níveis dos salários mínimos nacionais foram aumentados em cerca de 1 800 escudos por deliberação do Conselho de Ministros.

● No dia 2 de Outubro, entraram em vigor as novas taxas do Correio... Assim um simples postal paga 5\$50 e uma carta 6\$50.

● Nos dias 15 e 16 de Setembro, realizou-se na Figueira da Foz a I Gala Internacional dos Pequenos Cantores em que tomaram parte 26 crianças, sendo 20 portuguesas. Ficou em 1.º lugar Marina Feingold, de 8 anos, de Israel. A criança portuguesa mais bem classificada e que representará Portugal no Sequim d'Ouro da UNICEF, é Maria Armada, apenas de 4 anos, e que com as suas canções «Pé coxinho» e «Escola é vida» colocou o público em delírio, recebendo longos e entusiásticos aplausos.

● Para as eleições legislativas intercalares estão recenseados 123 536 portugueses residentes em 58 países.

Os Bispos portugueses exortam os cristãos a votar

Como é já do conhecimento geral, no próximo mês de Dezembro haverá eleições. Eleições para a Assembleia da República — a 2 de Dezembro — e para as Autarquias locais — a 16 do mesmo mês.

A respeito das próximas eleições, vários Bispos portugueses chamaram a atenção de todos os portugueses e dum modo especial dos católicos para o grave dever de votar, recordando que o abstencionismo pode ser falta grave.

Recordemos algumas passagens:

«Vêm aí as eleições, e o abstencionismo é falta grave. Todo o português deve votar com consciência, com consciência e com inteligência.»

«É melhor faltar à missa para ir votar, ao que deixar de votar para ir à missa. Ótimo será cumprir ambas as obrigações. Por isso, que ninguém se abstenha de ir às urnas da votação. E isto para não acontecer termos de ver passar uma urna da Pátria a caminho dum cemitério, em qualquer paraíso vermelho.»

(Homilia do Bispo Auxiliar de Braga, no Santuário do Sameiro, em 26-8-1979).

«Abster-se do voto, segundo a doutrina da Igreja, é pecado grave, porque facilita aos inimigos da Pátria e da ordem, facilita-lhes o acesso aos postos de comando. É que eles não faltam ao voto; e Nosso Senhor avisou-nos claramente: ouçamos, deixemos penetrar a Sua palavra no íntimo da nossa alma; «estejam atentos», dizia o Senhor — a que os filhos das trevas não sejam mais astutos do que os filhos da luz». São palavras, meus irmãos, não da minha autoria, são palavras de Cristo Redentor. É que há homens, é que há partidos, inimigos da Pátria, inimigos da fé cristã. Estamos fartos de saber! Nem nos podem iludir palavras mentirosas e vazias de tudo, até daquele mínimo de dignidade que diz ao homem que seja sincero e honesto, ao menos consigo mesmo e com as suas ideias. Há homens e partidos, insisto, que procuram mentir, enganar e que enchendo a boca com a palavra liberdade e bem do povo, oprimem a liberdade e espezinham o povo trabalhador. Este povo das nossas aldeias, que não faz greves e come o pão com o suor do seu rosto. Ficar em casa por como-

dismo é traição, a Deus e à Pátria. É preciso que todos o saibamos. É traição a Deus e à Pátria.»

(Homilia de D. Custódio Alvim, no Santuário de Fátima, em 13-9-1979).

«Votar é escolher. Escolher su-põe preferir, mas não odiar nem violar. Escolhamos livremente, com a liberdade que nos é dada, como um direito mas, ainda mais como um dever, uma tarefa, uma responsabilidade e uma virtude a cultivar. Votemos livremente, mas para salvar, sempre e de novo a liberdade: este é o interesse essencial do homem como homem, que ou grupo podem obscurecer ou nenhuns interesses de indivíduo postergar.

Tem-se dito que o «voto é a arma do povo». Pois que todos os portugueses usem livre, mas consciente e conscienciosamente, dessa «arma», para que não venha nunca a ouvir-se, entre nós como algures, a voz de outras armas!...

Muito se recomenda ao clero diocesano e a todos os que por qualquer título participam do magistério da Igreja que lembrem aos fiéis a nobre e alta obrigação de votar e a culpa grave que pode ser a abstenção, principalmente nas presentes circunstâncias, de harmonia com o que acima fica dito, com a doutrina geral da Igreja e com os deveres do magistério.»

(Documento «Dever de votar, aqui e agora», de 12-9-1979, do sr. Bispo do Porto).

«O Povo, mesmo que tenha razões para se sentir desencantado, não pode cruzar os braços e desinteressar-se da coisa pública que, precisamente por ser tal é de todos e de cada um.

Em democracia o Povo terá os dirigentes que souber merecer.

Procurará com o seu voto escolher os melhores, rejeitando inexoravelmente os menos competentes e menos bem intencionados. E estes rapidamente se revelam, mais pelos seus actos do que pelas palavras, tantas vezes enganadoras.

Votar é pois um direito e um dever: um dever que tem sabor religioso porquanto é imposto pela

consciência de algo de muito grave depender do exercício desse direito.

Usando bem ou mal desta faculdade da sociedade em que se insere. Um acto aparentemente banal pode ter repercussões incalculáveis.

Dá a chamada de atenção da Igreja para esta autividade em que o homem se afirma como detentor dos fundamentais direitos políticos.»

(Homilia do Arcebispo de Braga, no Santuário de Nossa Senhora do Alívio, em Vila Verde, em 16-8-1979).

2-12-1979:

ELEIÇÕES LEGISLATIVAS INTERCALARES

16-12-1979:

ELEIÇÕES PARA AS AUTARQUIAS LOCAIS

E AGORA?

O Portugal de hoje volta a estar mergulhado numa crise política, por certo, mais grave que as anteriores pois o desgaste das pessoas leva ao descrédito das instituições e ao desinteresse.

Os responsáveis directos por mais esta situação de indefinição de rumo são sem dúvida, os políticos como actores primeiros da representação portuguesa. Tendo na altura das últimas eleições aceitado tal responsabilidade, não tiveram, na maioria, capacidade ou desejo sincero de bem representar aqueles que confiadamente lhe deram o mandato. Não surgiram no palco da vida pública por seu desejo expresso antes fomos todos nós que, perante projectos e planos, os julgámos dignos de ser nossos representantes.

Quase todos se ageitaram à «cadeira» do poder indiferentes às realidades do nosso Portugal hodierno e dos portugueses que de crise em crise, se vêem a deslizar no plano inclinado — perigosamente inclinado — Sem agarras de qualquer espécie.

A própria esperança que nos alimentou e proporcionou um viver humilde — em grande parte dos casos — foi-se desvanecendo. Perguntar a um qualquer concidadão o que pensa da vida política portuguesa ou dos nossos políticos é ouvir quase unanimemente uma série de diálatas que mais não são que produto da desilusão que a quase todos já afecta.

É triste e perigosa tal situação para o futuro de Portugal que queremos digno, seguro de princípios e de ideais, confiante mas decidido a lutar — como fez no passado — por uma melhoria social a que aspira e ainda está, por certo, ao seu alcance. Poucas oportunida-

des, contudo, nos são ora dadas para essa melhoria, de tanta desgraça termos acumulado. Tanto nos prometeram e tão pouco se vislumbra!

Vimos assistindo, sim, desde há tempos, a uma maior desigualdade económico-social de causar preocupações e até capaz de indefinições e contrastes que se deveriam evitar. De degrau em degrau vimos descendo a níveis já degradantes que pouco nos abonam internacio-

Por Edmundo Andrade Pires

nalmente. Isto é que é a realidade que alguns, pelas mais diversas formas, têm tentado ocultar-nos.

A crise — hoje intensamente vivida — é um sinal do que afirmamos. Não interessa entrar em pormenores pelo que todos conhecem e sentem no seu dia a dia. Não queremos mesmo entrar na crítica a A ou a B por atitudes menos firmes ou pouco desejáveis. Queremos lembrar que é natural que os portugueses saiam desta crise ainda mais frustrados e desinteressados do «processo político» que uns tantos lhes impingiram mas nenhum, em qualquer parte, experimentou com sucesso. É que, mesmo em «terra alheia», tais ideias não passaram de teoria! Não queremos ser cobais de «laboratório político» em que os tais «bichinhos» dos iluminados mentores tenham culturas próprias que custam somas astronómicas e levam anos e anos a mostrar seus frutos.

Somos como somos, desde há oitocentos anos; temos uma identidade nacional que nos impõe e impõe no concerto das Nações; mostrámo-nos, desde há 5 séculos, que

nem todas as teorias políticas nos servem por inadaptáveis ao nosso psiquismo. Havemos de manter essa identidade Nacional alicerçada em valores humanos dos mais altos, compreendendo e defendendo que é o HOMEM PORTUGUÊS que está em jogo. Mesmo a sua própria sobrevivência. Quem desta regra se afastar está contra a própria natureza nacional, portanto, desfasado e é, até, contrário aos nossos interesses.

Não podemos nem devemos ignorar a crise. Os problemas conhecem-se, discutem-se e só depois é possível encontrar-lhes a adequada solução. É real e altamente preocupante. Mas havemos, uma vez mais, de mostrar ao Mundo o que queremos e como queremos a nossa Terra.

A pergunta: — E AGORA? — responderemos com uma presença total às eleições que se avizinham. Os portugueses irão aí mostrar o que valem e o que querem. E como querem que os governem. Ninguém poderá delegar esse dever. É crime de que todos podem ser vítimas e de que virão a arrepende-se se não exercerem o direito mais forte e decisivo que ao homem livre é dado. Votaremos, pois, todos — mas todos — para encontrar a solução para esta crise nacional que poderá sofrer novo adiamento se definitivamente não afirmarmos a nossa opção.

«VOTAR
UM DEVER QUE TEM
SABOR RELIGIOSO.»

Arcebispo de Braga

Atenção às Eleições

- A abstenção nas eleições é um «pecado grave».
- Ficar em casa por comodismo é traição a Deus e à Pátria.

D. Custódio Alvim, Arcebispo resignatário de Lourenço Marques...